

Da essência

Patrícia Castro¹

Pandora sempre foi uma caixinha de surpresas. Desde pequena surpreendia a família com sua sagacidade e jeito imprevisível. Começou a ler antes de aprender na escola. No carro com a mãe, o jornal em cima do colo, soletrou uma palavra da manchete principal: PE-CADDO. A mãe quase bateu o carro de susto... e orgulho. Mal sabia ela que há muito Pandora costumava segredar para si as palavras dos *outdoors* da cidade. Tinha só cinco anos.

Cresceu ouvindo que o sexo feminino deveria prezar a independência porque os homens não prestam. Com 16 anos e corpo de mulher começaram os estragos. Aos 22 - estagiária de uma empresa de comércio exterior -, de *tailleur moderninho e salto agulha*, pisoteava corações masculinos. O figurino era recheado com um corpinho de 1.75 m e medidas 90-60-90. Aos 25, já contratada pela empresa de comércio exterior, as medidas mudaram. Ela não. A primeira e a última ganharam alguns *ml* de silicone: 96-60-102. Números não mais arredondados, em compensação o corpo sim. Este também ganhou mais adeptos.

Cercada de "homens vazios", como ela mesma dizia, fazia do jogo da sedução seu melhor passatempo. E o sofrimento dos pobres que se achavam pretendentes, sua melhor recompensa. Cultivava nos outros os pecados da luxúria e da ira. Controlava a avareza, a gula e a preguiça. Despertava a inveja feminina. Emanava soberba.

Aos 29, funcionária pública bem sucedida e residindo nos arredores da Lagoa Rodrigo de Freitas, perdeu a graça de viver. Sentia falta de um braço constante que a envolvesse na hora de dormir. Alguém do sexo oposto para lhe fazer carinho no domingo à noite. Pra brindar um cálice de vinho tinto num dia feliz. Pra brigar pela fatia de bolo mais recheada. Queria um filho.

Conheceu Matoso, nordestino arretado, funcionário público em estágio probatório. Bonitão, morenã, machão, diferente dos tipos modernos e sensíveis a que tinha se acostumado. Ele cultivou nela a luxúria, a ira, a gula e a preguiça. Ela passou a despertar a compaixão feminina quando deixou a soberba embrulhada na gaveta da escrivaninha do Matoso. Aos 32 casou, teve 3 filhos homens e emendou a licença maternidade com o trabalho doméstico.

Pandora descobriu-se Amélia...

¹ Jornalista e mestranda (estudos literários)

O livro

Vanderney Lopes da Gama¹

Todos diziam que ele era um homem só e evasivo. Fugia de tudo e de todos. Vivia enfurnado em seu apartamento moderno na zona sul do Rio de Janeiro em busca de criar ou matar mais uma quase ficção. Talvez fosse isso... O que sabemos realmente é que ele nunca tinha sido escritor antes do fato que aconteceu em um dia chuvoso de um inverno quente no Rio. Sobre sua escrivaninha foram encontradas umas letras que, por mais fantásticas que parecessem, demonstravam um universo perturbado e confuso daquele homem...

Ontem estava um dia frio. Não que a frieza daquele momento me incomodasse. Já me acostumei a conviver com as temperaturas baixas. O que mais me assustava, às vezes, era a frieza do ser humano. A gelidez dos corações e mentes apavora-me como se fosse uma criança que vagueia circundada por monstros terríveis, próprios da infância e da imaginação de um louco ou de um lunático.

Não imaginava que depois de duas ou três taças de um bom e delicioso vinho teria um encontro tão inesperado que mexeria com minhas convicções.

Estava sozinho em casa quando, sem esperar por ninguém, a campainha de meu apartamento tocou insistentemente. Olhei pelo olho mágico e nada vi. Voltei e sentei no sofá observando a taça que brilhava em minhas mãos e de onde saía o aroma do vinho,

¹ Cursando Mestrado em Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

envelhecido tempo o bastante para saber que estava na hora de... Neste momento, novamente soou a campainha e fui à porta. Bisbilhotei pelo olho mágico e nada. Abri a porta e nada novamente... Devo confessar que minha ida até a porta foi um tanto quanto difícil, pois o vinho era bom e a garrafa já não estava cheia. Virei e fui em direção ao centro da sala, deixando atrás de mim a incerteza do fato acontecido e a porta escura que se afastava longamente enquanto pensava no vinho e nessa confusão que agitava meus pensamentos.

Chegando ao centro de minha sala escura, julguei ter visto, sentado em meu sofá verde-escuro, um certo homem que, sem que perguntasse, disse-me que se chamava Carlos.

Em um primeiro momento, acreditei estar tendo uma alucinação devido à quantidade de vinho que havia ingerido. Depois, pensei que talvez estivesse tendo um surto esquizofrênico e criando uma possível realidade para que enfim pudesse sair de meu isolamento completo provocado por uma vida de ausências e sensações estranhas e inacabadas... Achei melhor, então, ir ao banheiro e lavar o rosto para ver se espantava os fantasmas que o álcool trazia aos meus olhos ou à imaginação... não sei ao certo... O relógio marcava 01h:26min.

Quando voltei, sentei no sofá em frente ao dele e conversamos a noite toda como se já nos conhecêssemos há muitos anos. Falávamos sobre tudo, inclusive de um livro que Carlos disse ter escrito há alguns anos, quando ainda era um jovem rapaz recém formado. Disse-me ele que o livro narrava umas histórias estranhas e assustadoras...

As horas passaram, adormecemos e, no dia seguinte, acordei cedo e sozinho para ir à padaria da esquina comprar o pão quente das manhãs cariocas e ler o jornal com as últimas notícias...

O fato que mais me chamou a atenção naquela manhã cinzenta e chuvosa foi justamente uma manchete no jornal que anunciava a morte de um escritor. A matéria relatava os detalhes de sua morte e a hora exata do fato... Lembrei-me de que muitos detalhes descritos na reportagem foram ou pareciam ter sido narrados por aquele homem que se encontrava em meu apartamento na noite anterior...

Ao olhar a hora do falecimento do escritor, percebi que fora a mesma do momento em que fui ao banheiro lavar o rosto... Comecei a questionar os acontecimentos e duvidar de minhas experiências vividas naquela noite estranha. Corri para casa como se buscasse uma prova daquela existência de minha sanidade ou insanidade... não sei! Revirei a sala, o quarto, o banheiro. Procurei por todos os cantos da casa. Nada encontrei... Terminei de ler a notícia do jornal e fiquei observando o tempo e os passantes da rua abaixo de meu apartamento.

Não notei o avançar das horas.

Três horas da tarde... na bagunça em que ficou meu apartamento, encontrei umas correspondências fechadas de pessoas que não via há muito tempo... Nunca gostei de ler cartas... até as cobranças chegavam e quando via já haviam vencido há meses e ficavam assim mesmo... Cansei de pagar os juros de meu isolamento...

Vinte minutos depois, 15h:20min, o interfone toca... Era o carteiro dizendo que havia uma correspondência que eu precisava assinar para receber. Desci, vacilante os

degraus da escada, como se contasse cada um deles, tentando achar na contagem ou nos degraus alguma resposta para meus questionamentos e minhas dúvidas.

*Lá estava o homem do correio, vestido de amarelo, como sempre, segurando a encomenda. Sorriu-me azedamente (acredito que pela demora), assinei o papel e recebi o volume. Subi ansioso e calmo. Abri o pacote e ali estava, em minhas mãos, um livro chamado *Simplemente Fantástico*, escrito por um Carlos Carneiro.*

O sobrenome acendeu-me as lembranças e vi o Carlos de outrora sentado em minha sala, conversando comigo na noite anterior a tudo.

Tive remorsos por não ter lembrado naquele momento do Carneiro dos velhos tempos da faculdade. Dentro do livro havia umas cópias de cartas que ele enviou para mim, mas voltaram ou não foram respondidas. Guardei as cartas e esqueci os remorsos. Comecei a ler os contos daquele livro incomum e, a cada história lida, tive a sensação de que eu mesmo não passava apenas de mais uma personagem das histórias escritas por Carlos...

Ao terminar de ler, estava eu sentado em uma sala desconhecida, conversando com uma mulher que acreditava conhecer de algum lugar...

Falávamos sobre as histórias daquele livro..., mas ela olhava para mim da mesma forma como eu olhara para Carlos naquela noite... Percebi então que tudo iria se repetir e que o livro era, na verdade, um convite para registrar em suas páginas malditas a sua última história de vida...

Foi dessa forma que aquele homem simplesmente desapareceu da vida... não sabemos se a maldição do livro que suga vidas é uma verdade ou se o solitário carioca cansou de tudo e sumiu deixando tudo para trás e sem deixar nenhuma explicação sobre os escritos que foram encontrados acima de sua escrivaninha...

A história (in) comum de Matilde e Francisco

Juliana Machado de Britto¹

O dia-a-dia de Matilde

Matilde é moça para se casar – esse era o comentário dos vizinhos da comunidade. Tinha trinta anos e era bonita, muito bonita, uma mulher verdadeiramente brasileira. Trabalhava de diarista, acordava cedo e dormia tarde todos os dias. Chegava em casa exausta, tinha que arrumar sua marmita mas antes de se deitar, ia a casa de sua irmã ver o sobrinho de cinco anos o qual tinha uma verdadeira adoração.

Seu cardápio era sempre o mesmo: arroz, feijão, verdura, legume e às vezes, um pedaço de carne que era saboreado com um prazer inenarrável. Seguia rigorosamente as recomendações de seu médico: “Matilde, pouco sal e muita verdura e legume. Nada de doces na sobremesa. Olha a dieta”.

Gostava de trabalhar. Porém, se sentia mais feliz nos finais de semana em que ia ao pagode dançar. Era solteira, não tinha filhos e amava sua família. No entanto, queria casar e ter sua própria família. Queria um namorado bom, trabalhador e não precisava ser bonito. “Apenas um moço de respeito”, dizia ela.

Eis aqui Francisco

Francisco era magro, moreno, alto, tinha por volta dos quarenta anos, mas a aparência lhe dava uns cinquenta. Morava com sua mãe e um irmão de trinta anos, os demais eram

¹ Mestranda em Literatura Brasileira – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Endereço eletrônico: julianambritto@gmail.com

casados ou tinham ido morar em outro lugar. Era o responsável pelos dois e pela casa. Trabalhava durante a semana como segurança no supermercado e nos fins de semana fazia “bico” como servente de pedreiro. Nunca usou drogas, sempre fora comunicativo e alegre. Contudo, gostava de beber uma dose de cachaça todos os dias - “é para abrir o apetite”, sorria.

Um dia sua mãe caiu da escada e quebrou a perna. Precisou que um fisioterapeuta cuidasse dela. Este, por sua vez, tinha receio em ir à casa de Francisco por causa dos habitantes da redondeza. Percebendo isso, Chico o chamou e disse: “Oh doutor, o senhor curou minha mãe. Precisa ter medo de subir aqui não e se alguém fizer alguma coisa contigo, é só falar que tu é meu chegado que as coisas se acalma.” Dessa maneira, conquistava a todos. Descobriu através do boca a boca o pagode *point* da região e começou a freqüentá-lo.

Todo fim de semana era a mesma coisa: vestia sua melhor camisa (passada e engomada por sua mãe), sua calça *jeans* desbotada (aquela da moda), calçava seus sapatos pretos (de bico quadrado, porque o redondo não se usa mais) e passava o perfume do irmão (o falsificado francês comprado no camelô), arrumava o cabelo com gel e com isso o trato ficava completo. Parava na frente do espelho e se admirando, dizia: “Eta Chico, tu é um cabra lindo demais!” Dava dois tapinhas no rosto e prosseguia: “Hoje a mulherada vai ficar doida com você!”. Pedia benção à mãe e saía sem hora para voltar.

Chegava ao baile e não tinha mais sossego, era “ois e tchau” o tempo todo. Seus amigos brincavam que se ele fosse candidato a vereador, seria eleito, pois era o mais conhecido da redondeza. Ele, contudo, logo retrucava “ora gente, tenho vocação prá política não, sou homem de bem.” Encostava-se no balcão do bar, pedia uma dose de sua cachaça favorita e logo ia rodar pelo salão para reconhecer o território.

O encontro

Nesse mesmo dia, Francisco ou Chico como era mais conhecido, avistou de longe uma moça muito bonita, era Matilde.

Aproximou-se. Chamou-a para dançar. No começo, ela foi seca, um pouco antipática, diria. Não quis muita conversa, achava que ele era mais um malandro aproveitador como muitos ali. No entanto, Chico a venceu pelo cansaço. Era o começo de uma paixão.

Identificaram-se bastante, conversaram horas e nem se deram conta que o dia já havia amanhecido. Começaram logo a namorar. Após sete meses juntos, Francisco dominado por uma paixão avassaladora, queria se casar. Matilde, sempre ponderada, disse com muito pesar que não, “nem temos uma casa, enxoval, damas de honra, padrinhos. E nem escolhemos a Igreja!” No fundo, Chico compreendia essas preocupações, mas achava que isso não era desculpa para recusar o pedido “oh raça, tem cada uma!” Como era muito teimoso e gostava de provocar a noiva, logo cismou que ela tinha outra pessoa e que por isso não queria casar.

Depois desse infeliz comentário, ela chorou, ficou triste e gritou que ele não deveria “estar bem da cabeça”, de certo. Indagou indignada onde ele tinha tirado uma “barbaridade dessas” e ele sem qualquer sinal de arrependimento pelo mal dito, virou as costas e saiu. Matilde reconheceu ali um defeito não sabido antes, seu amado era ciumento.

Ainda assim, em meio a brigas e ciúmes, casaram-se. As rotinas de vida continuaram as mesmas, principalmente Matilde, que tendo sua casa para cuidar, não deixou de ir à casa de sua irmã ver o sobrinho querido. Certo dia atrasou cerca de uma hora do habitual de chegada. Chico muito desconfiado e enlouquecido de ciúmes pôs-se a imaginar inúmeras possibilidades. “Deve-de ter morrido caminho afora. Ou será que foi atropelada? Meu Deus tira esses pensamentos ruim de mim.” Mal acabou de pensar essas bobagens e tudo começou de novo. “Essa danada tá é demorando. Aposto um dedo da mão que anda é de namorico na rua.”

Ao pensar isso, não teve dúvida. Correu no faqueiro e escolheu a faca mais amolada, “a de açougueiro, aquela bem afiada”, pensou. “É hoje que ela me paga”, concluiu.

O desfecho do casal

Enquanto Matilde esperava o café fresquinho que sua irmã ia coar, Francisco andava na rua feito um louco gritando: “Aparece Matilde! Aparece! Eu sei que você tá em algum lugar escondida.” Volta e meia parava algum transeunte e perguntava pela esposa.

Ela, enfim, saboreava o delicioso café com um pedaço de broa de fubá. E ria, conversava, relembrava situações engraçadas, como se o mundo fosse apenas aquele curto espaço – a família que amava, o café e a broa.

Francisco pára no bar e grita: “alguém viu Matilde? Eu pago! Pago cachaça, pago dinheiro. Eu pago! Eu pago!” e pediu três doses de cana devorando-as de uma só vez. O bar inteiro se acuou diante da presença de um louco, bêbado e armado a procura da mulher. Foi gentilmente convidado a se retirar do recinto. Retirou-se sem, no entanto desistir da peregrinação “Matilde! Matilde!” Eram gritos desesperados, confusos, abafados por um choro contido de ciúme infundado. Prometia “aposto um dedo da minha mão prá ver as safadezas dela.”

Matilde olha o relógio e se assusta ao ver que está tarde. Despede-se de todos com um abraço, um beijo, agradece ao prazeroso momento e se vai. Era assim, sempre agradecida e cuidadosa. Quando está a duas quadras de casa, avista o marido gritando, os braços erguidos e em uma das mãos a faca afiada. Correu para ver o que estava acontecendo. Ao se aproximar, recebe um solavanco de Chico e ouve alguns palavrões proferidos por ele. “Safada! Sem vergonha! Devassa!”. Ela se entender nada, indaga “que foi homem?”

Ele suava frio, gaguejava, tremia e retrucava “que foi homem? Por que tu demorou? Tava na safadeza não é?” – parava para respirar com dificuldade. “Anda responde! Aposto um dedo que sim.” Ela ainda sem entender, balbuciou “que is....”.

E Chico realmente apostou o dedo. Antes mesmo de ouvir as explicações da esposa, decepou-o com a faca afiada e saiu correndo chorando ao ver o sangue que escorria em sua mão.

Conto a Soraia Ramalli

(...)

Não sei se a vida é pouco ou demais pra mim.

Não sei se sinto demais ou de menos.

Seja como for a vida, de tão interessante que é a todos os momentos,
a vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
a dar vontade de dar pulos, de ficar no chão,
de sair para fora de todas as casas,
de todas as lógicas, de todas as sacadas
e ir ser selvagem entre árvores e esquecimentos.

Álvaro de Campos via Fernando Pessoa

- A senhora já teve filhos?

- Sim, frutos do Desejo.

- Mas estes não contam. Ora, estes não te protegem da mágoa.

- Eu sei. Pedi várias vezes um filho para o coração não ressecar, só que ninguém dividiu comigo.

- Então, como eu dizia antes de a senhora tentar me convencer de que não teve culpa: câncer de útero. Preciso de mais exames para estabelecer a causa. Há uma mancha escura na ultrasonografia. Pode ser um tumor benigno, como pode ser apenas amor-empedrado. De qualquer forma, tudo indica câncer, uma das formas de o amor empedrar.

Exames. Vários. Outros. Mais. Sempre se cansa das descrições. Lógico.

- Não, o diagnóstico foi equivocado. Ao que parece, a senhorita estava grávida e o bebê apodreceu. Algo praticamente simples, desnecessariamente preocupante. Uma intervenção cirúrgica de alguns trinta minutos e a senhora terá os restos do elemento dentro de um vidrinho. Embalado para levar.

- Mas, Senhor, há certeza no que se diz?

Pensamentos menores. Com menos vontade de se viver.

E era assim. Eu sempre juro. Vontade. Vontade angústia. Vontade e angústia e mais vontade não realizada. E era assim. E era também de outro jeito. E era falta de verdade não confiar. Fogo. Terra. E o coração. Na batida. Foi bossa, foi riso, sem pranto. A plantação de rosas e seus espinhos. A velha metáfora batida de caminhão. Flores e seus espinhos. Não. Não aceito. Aceitar é, nessas horas, quase morrer. Sem cometer suicídio. Eu não aceito. Eu sempre morro mesmo. Mas agora eu te amo com profundidade de peixe sem olho. E é sempre maior que o medo. Medo. Medo. Medo. Antes o medo do capeta. Não. Não é sempre assim. Nas últimas mentes eu tenho estado tranquila. Tranquila, ouviram? Eu sou sim. Eu posso até não ser, mas o estado constante me torna. Medo de não ser a mesma confusão que me faz ser a mim. Problemas de regência não me incomodam tanto. Eu odeio reticências. A loucura é fruto de um desejo anunciado. E eu não peço perdão. Eu amo. Amo. Amo. E desejo. E quero, quero e quero. Mas continuo desejando que até fim-dos-dias, continue desejando. E ele sabe como eu amo.

Ele, o médico, não precisava de mais certezas. Ela já as tinha. Eles sempre as têm. De maneira estranha e pouco bondosa, é bem verdade.

Após a cirurgia de parto-defunto, Soraia ainda estava sonolenta pela anestesia. Há quem diga que anestesia não faz nada, mas eu sei que faz. A Diva diz que pessoas sensíveis são, simultaneamente, mais felizes e infelizes que os outros. Talvez a anestesia tenha a ver com o processo de simultaneidade. Uma pessoa sensível dificilmente (cansando de advérbios) consegue passar uma vida inteira sem anestésias. E cada qual inventa ou absorve ao menos um tipo delas – bebida, cigarros, teatro, música, doces, comidas, sexos, amigos. Precisa-se esclarecer que nem todos que fazem uso destes morangos estão se anestesiando, não há tal relação de dependência. O que ocorre é que a maioria das pessoas sensíveis não consegue dominar o viver – desprezam a vida comum. A tristeza é uma maneira de a gente se salvar depois.

Ainda acordando, ela sente uma irremediável vontade de fumar. Procura o maço de Capri insistentemente, no entanto, não há domínio dos próprios movimentos. Em Soraia, o único sentido completamente dominado é o sétimo. Assim, ao olhar para o lado esquerdo, sobre o móvel, vê um pote – vidro transparente, água um pouco turva e um embrião enegrecido. Olhar fixado no que parecia o futuro filho. De tanto olhar, a visão começou a ser duplicada – tanto pelas lágrimas, quanto pelo olhar em si. Para si. Parecido com o mesmo si que era ela.

Assim sendo, é desse jeito. O nome da menina gravado no quadro da bicicleta rosa. Brisa. Ora: Soraia o nome da menina, e não o vento que passou. Mania que as pessoas têm de acreditar no primeiro milagre; seja assim, seja não. E era só a denominação usual, para algo que qualquer tornado levaria p’ra longe.

A rua era sem saída, e só se via a cor rosa da bicicleta: Brisa pra todos os lados. O rosa não era desses gratuitos, era o rosa-único – esclareça-se desde agora. Ela gostava muito dessa brincadeira de moinho das vontades. E achava que não precisava amarrar as dicas pra que as pessoas gostassem dela. Basta dizer que ela achava divertido ter cabelos cor de perdição. Quando pequena, ainda não sabia que gostava; mas como eu a conheço por completo, posso, seguramente, dizer o quanto ela gostava daquelas madeixas tão escorridas quanto um cacho de bananas.

Antes de contar o que ela me pediu; Preciso dizer, antes que vocês se apaixonem perdidamente e queiram carregá-la no colo, que ela vai continuar dando a cara à tapa e combinando o ventilador ligado com o edredom. Até já desistiu de querer entender tudo. E não encontrou a função do passado – livra-te deste esforço. Insisto na conservação dos pés, afinal, ainda há muita coisa para ser chutada. Eu já perdi as contas de quantas vezes passou na fila do orgulho, e não é novidade para ninguém dizer que ela te trocava por um chocolate sem pensar duas vezes. Trepar? Só pra ter par. É sempre assim.

Por'sso, atenção: não cante piedade se ninguém a merece. Não pense nela como uma infeliz e muito menos identifique-se. Ela é a nova noiva da noite, e você não tem nada com isso.

Eu não teria obrigação nenhuma de servir de porta voz para a história de uma morta-muda, e nem o faço por piedade. O que me ocorre é que já tenho peso demais para continuar com essa criança sentada no meu ombro esquerdo. E como se não bastasse o peso de uma pessoa chata, ainda me dói o peito, pois ela balança as perninhas, que quase me convencem que a chatice é dádiva da infância.

Vou ser obrigado a ignorar, durante o texto, a presença dela nas minhas costas; já que, mesmo sendo azucrinante, a história não é brincadeira, e se me disponho a contá-la, devo obedecer ao código de ética de um narrador onisciente.

Pensamentos menores. Com mais vontade de se viver.

É como se, no átimo necessário ao segundo, meu corpo ocupasse, antecipadamente, toda a escuridão possível a um ser qualquer. E, em mais um de repente, o ar fosse pouco o bastante pra me sufocar mais uma vez. Não sei o que acontece nessas noites frias do verão. O corpo, sozinho, pede abrigo. E, sozinho, encontra.

Soraia ia à praça todos os dias. Todos os dias é exagero, imprecisão de minha parte. O que ocorre é que todas as vezes que ela conseguia ir, sentava no mesmo banco. Os nove anos da idade dela eram empecilhos para a ida durante toda a semana; e só agora ela grita isso no meu ouvido.

Soraia pegava a mesma calçada – duas, contando o joelho da esquina – e sempre na bicicleta. Sentava no banco que ficava no meio da praça. Encostava a brisa rosa-único ao lado do banco e sentava no meio dele. As pessoas transitavam da forma usual: homens dispersos, mulheres complexadas, filhos bastardos, e todo azar de pessoas.

Passa.

E ela só reparava criança Crianças acompanhadas das mães Crianças das pequenas-de-colo

Era engraçada a maneira como ela olhava: “é essa? Será que é essa moça que vai me dar esse bebê?”. “Se fosse essa, eu colocaria o nome de...”. E a vontade de ter um filho nos braços a mergulhava passivamente, ainda menina, em travesseiros de sonhos – sempre cruéis para com lunáticos; e a fazia criança de trinta anos.

Então ela saiu para jantar, já que os amigos a esperavam já há vinte minutos na portaria do prédio. Ela não gostava de deixar as pessoas esperando; na teoria, lógico: no fundo, no raso, todos gostam de ser esperados, de uma forma e da outra também. E quem te diz: “prefiro esperar a ser esperado”, irredutível-mente.

No quarto ela dava os últimos toques no pó. Não que ela fosse uma mulher de trinta anos que precisasse de pó, não precisava, mas como qualquer outra, achava que algumas coisas não deveriam ser reveladas. Terminou de se olhar no espelho e passou mais uma borrifada de *Eternity* na parte superior da blusa, pois se alguém chegasse até ali, teria boas surpresas.

O elevador não demorou muito, mas ela pôde ver como o batom tinha combinado com o tom das sandálias pelo reflexo da porta do sobe-e-desce. Desce. Para. Continua. Chega caminho para a festa dos mais agradáveis – música, gargalhadas e vontades. O rumo, no fim das contas, é sempre a própria casa.

Só que Soraia não passou do terceiro andar quando pegou o elevador de volta. Aliás, o elevador passou, ela que não viu. O tombo não foi grave, apenas um susto. Sorrisos são sempre agradáveis, mesmo que partam.

E há sempre que se dizer não há caminho cuja calçada não seja estreita para aqueles que sonham As jaulas estão espalhadas fora do zoológico Os pais As mães O medo As janelas fechadas Uma bossa cantada por uma voz que não seja a mais suave do mundo As festas As promessas Os sonhos As verdades Já escuro vaga-se pela lua deserta Os inimigos Os traidores As partes Tudo isso cai no mesmo fosso - o da solidão: inebriante lugar, em que estar sozinho, é estar sozinho.

E eu sempre juro.

Desejo de Zéfiro

“(...) que venham todos os homens
do mundo que há em ti
para serem sacrificados
no altar dos prazeres eternos
por um Deus que há em mim”.
Joanna D’Arc Rodriguez

Noite de muito frio na praia de Camburi. Sinto minha carne sempre trêmula uivar: de fato não é uma noite como as outras e o sangue não pulsa da maneira usual. Ao encostar o ouvido no joelho esquerdo, sentada na areia mal-cuidada, ouço a orquestra feita pela minha própria circulação. Borboletas batem as asas.

Quando criança pequena, costumava pedir carinho ao vento. Ficava triste e logo corria para a janela mais próxima, de modo que bastava um soprar - esse era o sinal - para que minha angústia não tivesse mais motivo. O vento, único companheiro naqueles momentos de cansaço social, fazia carinho nos meus cabelos ainda lisos e sem perdição. A ventania parecia mãos: frias, mas tranquilas, a fazer o que ninguém em volta conseguia fazer.

É unicamente certo que vivemos entre o que chamamos de lucidez e o cinismo que é essa lucidez que não existe. Lucidez é só a luz de deus que achamos que existe. Não funciona, na Era da Forma, nada formaciona, nada funciona.

Dedico-me puramente à tabacaria que vivo do outro lado da rua, que é rua para além da rua verdadeiramente sentida. Não devemos ignorar a loucura. Hoje, seria aceitar que não fazemos parte e que tudo é uma mera reprodução barthesiana do que nós queremos parecer. Assim, seria aceitar também que o ambiente é um outro e que, se este ambiente outonea, nós devemos assumir o Outono como coisa real por dentro.

Isso não é uma elegia à infância. [Aliás, iserianiso dizendo que não há tempo passado - apenas o presente: tudo e o resto situam-se na ficcionalização narrativa que fazemos de nossas vidas]. Infância sempre foi, e sempre será, apenas uma lembrança que fazemos, no senso comum, de dias mais bem satisfeitos de vida e de cor - sentíamos que deus era melhor com as crianças.

Explicações reservadas, lembro-me de minha casa mais belamente quando a vejo agora que quando vivia de fato (vivia?). Era uma casa térrea, com um terraço grande e pisos de ardósia coloridos. A varanda talvez fosse o lugar mais inusitado - pisos abóbora, com a janela do quarto da minha mãe e do meu irmão dando pra lá. Janelas dentro de casa. E era também um cômodo da casa, não uma área externa. E por isso aproveitávamos para colocar a mesa redonda de madeira lá. Com seus mais quatro banquinhos sem encosto. Ótimo. E

havia também o tanque, um armário de sapatos, a lixeira grande, a máquina de lavar e uma grade que dava pra o quintal. Havia também um fogão à lenha desativado.

Lembrei-me, ao reviver a casa, de um domingo pela manhã agradável para uma pessoa que gosta de dias nublados e ventosos. Tomávamos café os quatro, e era sempre o café mais gostoso o do domingo por conta da mortadela que vinha com o pão e o outro pão doce. Vestia uma camiseta listrada de branco e verde e uma bermuda verde-verdade, com meu raider do natal passado. E me balançava no banco para que minha mãe brigasse comigo. Então meu irmão solicitou que urgentemente fôssemos à praia. “Mãe, me leva na praia?”. “Mas está ventando e não podemos ir à praia com vento porque faz mal”. “Mas eu quero ir à praia. Corte as árvores e vamos”. “Cortar as árvores?”. “É, uai. Aí pára de ventar!”.

A lembrança foi rápida e significativa. Percebia que estava ali, na mesma situação, mas não era mais menina. Talvez fosse, mas o guarda-roupa havia mudado há tempos. Sentia que ele se interessava por mim, fazia curvas em torno do meu corpo ainda cálido e soprava palavras de emoção. De fato não eram aqueles comentários repugnantes que ouvia quando descia do ônibus já vazio. Eram outros, mais comovidos e próximos. Pensei que talvez ele tivesse vindo cobrar os carinhos da infância. Ou, na melhor das hipóteses, as carícias da infância não eram feitas à moda freudiana mal-compreendida.

Toda aquela atmosfera de desejo me deixava com as bochechas rosadas, de um rosa quase púrpura. Já não havia nada em volta. Esquecia os pivetes e a fome. Não lembrava da prova de Cálculo nem de qualquer outra coisa mais importante. Dei-me a mim o luxo de esquecer, de não pensar.

Deitei-me, de modo que não houve ação mais passiva e desejada. As feministas que me desculpem, mas naquele momento, eu não ligava pra isso.

Aliás, Ledusha me liberou do feminismo nos finais de semana.

Ele passou as mãos mais uma vez pelos meus cabelos, lembrei-me novamente da infância e rapidamente a esqueci. Prolongou. Colo. Pescoço. Seio. Seio. Sei-os. Ventre. E só senti até ali. O balanço das ondas era apenas reflexo do meu corpo. Meus olhos, fechados, conseguiam ver a lua.

Após poucos instantes, não consigo mensurar quanto, a troca estava feita e eu via a Terra de cima. Não havia nenhuma possibilidade de volta e eu não queria isso – nem Ele. A certeza de que aquilo não estaria estampado nos jornais do outro dia me dava estranho conforto. Ninguém me veria com olhar e isso era diferentemente bom.

Dos amantes que não tive, na certa este foi o melhor.

Conjunção adversativa

(Aline Gonçalves)

Preta!
Beleza sem conjunção adversativa
Sem o “mas” que justifica a combinação.
Beleza negra
Pura e preta
Constante inspiração.

Preta!
Sem o “mas” que ridiculariza
O mesmo que estabelece o padrão
Que legitima a realeza do olho que é azul;
Que nega a riqueza da negra herança bantu
O “mas” que foge da história
Que desconhece a tradição.

O “mas” que não sabe o sentido do Axé;
Não entende a magia dos terreiros de candomblé...
E desconhece outra além da tua fé.
O “mas” que reprime, sufoca...
“Mas” da opressão
Conjunção que se confunde em sua incompreensão.

“Poréns”, “Mas”, “Entretantos”, “Contudos” que trazem incerteza à memória;
Palavras que negam em frases a minha; a sua trajetória...
Questionam a nossa afirmação.

Mulher,
Homem!
Negros em todos os traços
Negros na pele,
Na mente,
Presente em todo espaço
Sem a palavra que agride,
Sugere surpresa,
Inconstância,
Contradição...

Sem o “mas” que precede
À beleza,
À inteligência,
À religião.

Sem o maldito “*mas*”,
Sem a sutil negação.

NOMES **(Aline Gonçalves)**

Rei menino
Retirado do seu canto
Entoa agora um pranto
Com dor...
Louvando uma liberdade
que já não há

Guerreiro bantu,
Escravo, peça, mercadoria...
No mercado de Valongo,
Ou em tantas outras freguesias,
A mão preta trabalha
Para que a branca possa lucrar

E o rei não perde sua majestade
Preservando sua identidade
Com maestria
Resiste ao opressor
Aos orixás, nomes novos
Santidades no Brasil e na Bahia
Sagrado católico com o
colorido da africanidade
Ah! Senhor do Bonfim...
Salve meu pai Oxalá!

A liberdade, ainda que tardia
Dos pés do capoeira brotaria
Licutã, Calafate, Mahin, Dandarã
O Luís – dizia-se “das Virgens”
João, “de Deus”, do povo
Das bocas que falam, gritam...
Não devem nem podem calar
Ahuna, Salin, Lucas Dantas
Entre dores, mazelas tantas
A ousadia: a liberdade resgatar

Malês, Balaios,
Inconfidentes conjurados
Marinheiros atracados
num porto ou além mar

Uma história calada,
Enganada e esquecida
Por um sistema que prefere ocultar
Nomes de homens,
Personagens de vida sofrida
Com sangue do Congo, Guiné,
Angola,
E tantos reinos desse mar de gente
Que em lutas inglórias tornou-se
semente
Da liberdade que grita no peito
Da força que conduz seu caminhar.

Pátria amada, “Brasil” (?)

(Aline Najara Gonçalves)

Sinto no peito uma dor
Dor da gente ultrajada
Desrespeitada
Que não se retira em silêncio
Não é passiva
Por isso grita
Esbraveja a reparação de uma história
Racista,
Humilhante,
Cruel.

Exige justiça e a retirada do fel
“Oferecido” aos oprimidos como pagamento,
Como castigo.
Punição!
Pela terrível esperança de ser considerado cidadão
Gente nascida com a temível marca da escuridão
Da escravidão
Da negação?
Não.
Negar não.
Afirmar é solução...

Reparação!

Sinto no peito uma dor
Dor da gente tirada da História
Espoliada,
Que teve roubada a memória
Das guerras, milhares de batalhas...
Lágrimas derramadas
Lutos em glórias de estranhos...
Negras batalhas esquecidas na memória do vencedor
Bancas batalhas festejadas com medalhas do sangue do negro
De quem não se falou.

Mães enlutadas sofriram...
Esta dor que hoje é minha
Que após séculos ainda arde com o mesmo fervor dos açoites
Das chibatas,
Das máscaras,
Das algemas de tantas noites...
A dor que se apresenta
E que a “mãe gentil” que é o meu (?) Brasil não acalenta.

A dor do menino negro na sinaleira
Que parece não ouvir a resposta do deus que não responde
O mesmo do Navio Negreiro...
Que noutra mundo – parece – é que se esconde...
A dor da negra que outrora mucama,
Ascendeu...
Mudou de patamar
E agora ela mesma se apresenta:
“Sim, senhor... Sou secretária do lar”.
Veja só! A história mudou.
Mudou?
Onde? Cadê?
Onde está?

Sinto em mim uma dor
Dor da gente descontente
Que ainda sente um passado muito presente
Enquanto alguns afirmam ser “bem legal”
Viver numa democracia racial
A democracia que fez do negro presidiário...
Democracia que classifica a cor do salário
A boa aparência...
Não pense que é malícia...
Apenas uma inocente exigência.

Enquanto isso,
Minha dor persiste...
E penso:
*“Devo ser uma pessoa triste.
Como sinto esta dor se o meu país é tropical?
E minha vida é um perfeito carnaval?”.*
Acredite!

O sol da liberdade brilha no céu do meu país.
Que em berço esplêndido dorme como uma criança feliz.
Pobre criança esquecida...
Dos filhos que nunca fogem à luta
E são tratados ainda como *filhos da puta*.
E salve à mãe gentil,
Pátria amada, brasil.

Seus pés

Naquela noite, muito disperso, nada observava. O som fazia-se indistinto e, como vultos, as figuras humanas eram todas muito iguais.

De cá estava, encostado na parede olhando pro nada, a divagar. De súbito, a cobrar atenção, lá em baixo, no chão, simetricamente desenhados, os pés. Um, a servir de apoio ao corpo; o outro, como a insinuar-se, em posição de descanso.

Adornos e unhas eram de uma cor só, escarlate, que, segundo se sabe, representam a sedução, lascívia e paixão. Nunca os tinha visto assim. Era como se fosse miragem.

De repente, não estavam mais ali.

Foram-se os pés,

Fui-me eu.

Ficou a visão.

Francisco Neto Pereira Pinto

O míope

um corpo entre vírgulas,
aposto ótimo
da frase próxima.
E de súbito:
O pródigo óculos,
Máscara trágica
Da dúvida,
De volta do chão sólido,
Sem lágrimas:
Vítima
Da cólera única
Do humano típico.

Priscila Finger do Prado

Memorial à guerreira sem nome*

Egiselda Charão¹

Essas mulheres *pampianas*,
das quais somos descendentes,
lavraram no sangue: a *cepa* lusitana
mesclada ao índio e a raça africana.

Na solidão da *campanha*
- feito as águas das nascentes
que *varam coxilhas*,
rumo ao mar, serenamente,
elas abriram caminhos,
demarcando continentes.

Melodiaram horas cansadas
na quentura dos *pelegos*,
dia-a-dia *rondando* estradas,
amilhando desassossegos.

E, *amadrinhando* as esperas,
acolheraram saudades,
ao amargor da labuta,
resguardando o pensamento
das antigas *soledades*...

Essas mulheres guerreiras
andaram no *lombo*
dos seus *parceiros*,
templando de *ocasos*
este chão *altaneiro*.

Por muitas invernias,
incansáveis, fecundaram
o *pampa* com a prole lendária
pra *telúrica* quimera.

Em todas as guerras insanas
foram a coragem dos *tauras*
na agonia desumana
das *peleias campo à fora*.
Através do seu calvário
deixaram escrito, no tempo,
o simbolismo libertário
das *farroupilhas* sem nome...

Essas mulheres *campeiras*
transmitiram para os *gaúchos*
a honradez e a coragem
na *mestiça intrepidez*.

Forjaram a fibra indômita
da mais *terrunha* linhagem,
e uma estranha inquietude
na soberana altivez.

Legaram a campeira estirpe,
que a historia tornou *legenda*,
e os traços da herança *avoenga*,
retratados nas molduras
das centenárias fazenda

Essas mulheres gaúchas
que sabiam seu *mister*
na formação da *querência*,
enfrenaram potros alheios,
aos *tirões* e *sofrenações*,
e unguidas de sapiência,
desenharam seus destinos
na *cancha reta* da vida,
tendo a alma *cinchada a puaços!*

* Glossário

Acolheraram – Unir dois animais por meio de uma guasca (tira fina de couro cru) amarrada o pescoço. Com relação a pessoas, unir, juntar ou agrupar, andar juntas, acompanhadas.

Altaneiro – Soberbo, altivo, sobranceiro, elevado, erguido, orgulhoso.

Amadrinhando – Protegendo, cuidando, jungindo (um boi manso) com um bravo. Acompanhar em cavalo ou burro manso (o animal que está sendo domado, a fim de que este não se dirija a lugares perigosos).

Amilhando – Tratando o animal com ração de milho, pegando estada, ato de ir ruminando a ração horas a fio.

Avoenga – Relativo as avós, herdado dos avós.

Campanha – Campo extenso, planície, região ondulada em coxilhas, coberta por vegetação herbácea (pastagem) onde predomina a criação de gado e as estâncias.

Campo à fora – andar pelas pastagens sem rumo ou lugar certo, andar no descampado, sair fora das limites demarcados.

Campeiras – Pessoas que executam com habilidade os serviços de campo, que monta bem, que vive e trabalha no campo, que entende de tudo o que se relaciona com a criação de gado.

Cancha – Lugar plano com várias quadras de comprimento por algumas braças de largura, com duas trilhas, preparado especialmente para corridas de cavalos. (**Cancha reta**: Pequena raia de terra improvisada onde cavalos sem raça, correm aos domingos, valendo apostas as quais em geral só participam os proprietários dos animais), Raia.

Cepa – Parte da planta que se cortou o caule e que permanece viva no solo, tronco de qualquer linhagem ou família, Raça de uma espécie, Base subterrânea de um tronco de planta perene, ligada diretamente à raiz.

Cinchada – Montado, manter o animal preso a uma das extremidade, a do lado da armada ou da argola, e ter a outra extremidade, a da presilha, ligada ao cinchadore, conseqüentemente, à argola do travessão da cincha, do lado direito do cavalo de montaria. Para pessoa, aprisionada, retida, cativa pela violência de alguém.

Coxilhas – Grandes extensões onduladas de campinas cobertas de pastagem, que constituem a maior parte do território rio-grandense e onde se desenvolve a atividade pastoril dos gaúchos.

Demarcando – Marcando limites, extremando, limitando campo de ação, separando, distinguindo.

Enfrenaram – Substituíram o bocal pelo freio em (animais que se amansam). Sujeitaram ao freio. Reprimiram, contiveram, refrearam.

Estirpe – Linhagem, raça, ascendência, cepa.

Farroupilhas – Diminutivo de farrapo. O revolucionário republicano de 1835. Os nativistas do Rio Grande do Sul, que, antes da revolução de 1835, já se batiam pela brasilidade, na administração da província.

Fibra – Força de ânimo, valor moral, firmeza de caráter, energia, caráter, pulso

Forjaram – Prepararam, trabalharam, fabricaram e moldaram metais em fornalhas. Caldearam, inventaram, maquiaram, planejaram e imaginaram, tramaram.

Gaúchos – Habitante do Rio Grande do Sul. / Habitante do interior do RS dedicado a vida pastoril e perfeito conhecedor das lides campeiras. / Primitivamente changueador, gaudério, corredor, andejo, índio ou mestiço maltrapilho sem domicílio certo que andava de estância em estância trabalhando em serviços que fossem executados a cavalo remanescentes de tribos guerreiras que habitavam Argentina, Uruguai e RS as vezes amestiçados com Portugueses e espanhóis, nômades, hábeis cavaleiros, extremamente valentes desprendidos de tudo, inclusive da vida, valorosos, leais e hospitaleiros.

Intrepidez – Ausência de temor, de medo; coragem, ousadia ânimo, valor, denodo.

Invernias – Tempo de inverno rigoroso, com neve, chuva e vento.

Labuta – Trabalho árduo, lida, labor.

Legaram – Aquilo que alguém transmite a outrem, que uma geração (Ex. Escola Literária etc...) transmite à posteridade

Legenda – Coisas que devem ser lidas. Relato da vida dos santos. Texto explicativo que acompanha uma ilustração, uma gravura. Inscrição gravada em moeda ou medalha, divisa inscrita em escudo de armas

Lombo – Costas, dorso.

Lusitana – Pertencente ou relativo a Portugal ou aos portugueses

Melodiaram – modular a voz ou o canto com suavidade, tornaram suave.

Mesclada – Misturada, unida, amalgamada, mistura de raças.

Mestiça – Proveniente do cruzamento de espécies diferentes, nascido de pais de raças diferentes.

Mister – Ofício, ocupação, incumbência, trabalho, profissão.

Ocasos – O desaparecimento de um astro no horizonte. Termo, fim, final. Queda, ruína, decadência, extinção e morte. Crepúsculo.

Pampa – Grande planície coberta de vegetação rasteira (pastagens), na região meridional da América do Sul (Rio Grande do Sul e países do Prata) que servem para criação de gado, principalmente, bovino, cavalari e lanígero.

Pampianas – O mesmo que pampeana, relativo ao pampa, pertencente ao pampa.

Parelheiros – Cavalos preparados para disputa de carreiras. Cavalos de corrida.

Pelegos – Pele de carneiro ou ovelha, de forma retangular, com a lã natural.

Peleias – Contendas, brigas, disputas, rugas, combates entre forças (povos, países) que fazem guerra.

Puaços – Golpes com **puas** (Ponta aguda, agulhão, bico, haste da espora na ponta da qual esta a roseta, espora de aço que se põe nos galos para a rinha.

Querência – Lugar onde alguém nasceu, se criou, se acostumou a viver, e ao qual procura voltar quando dele está afastado. Pátria, pago, torrão, lar.

Resguardando – Guardar do frio das inclemências, defender-se, proteger-se, abrigar-se fugindo de danos e perigos.

Rondando – observando de algum posto, andar vigiando, observando, espreitando.

Sofreços – Puxão forte nas rédeas para fazer o cavalo parar. Relativo a pessoas, sustos, notícia ruim etc.

Soledade – Tristeza característica de quem se acha só ou abandonado. Solidão.

Taura – Indivíduo valente, arrojado, destemido, valoroso, forte, guapo, resistente, enérgico, folgazão, expansivo, perito em algum assunto, que sempre está disposto a tudo.

Telúrica – Relativo a terra, ao solo e sua influência nos costumes e caráter etc... dos habitantes.

Templando – Cultuando e honrando a memória dos antepassados e respeitando as recordações perenes de seus feitos heróicos.

Terrunha – relativo a terra

Tirões – Puxão com força, estirão. Golpe imprevisto que o animal leva ao ser laçado ou puxado pelo cabresto.

Traços – Feição, caráter, aspecto, esboço, delineamento, vestígio, rastro, sinal.

Varam – Atravessam, transpassam, passar além, transpor com ímpeto.

¹ Poetisa e acadêmica do curso de história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, natural de Cacequi/RS, tem seus trabalhos poéticos e científicos publicados no Brasil e exterior. Site: www.egiseldacharao.com, em construção.

Sentinelas (a Leandro Telles)¹

Egiselda Charão²

Os olhos de Leandro...
São olhos luzentes
que causam inveja
aos olhos da boca-da-noite,
corujeiam ocultos...quietos,
em longas vigílias
pelos bretes da vida.

São pequenos relicários
- Guardiões dos tesouros do tempo -
que tempo afora
se perdem...tropeando recuerdos.

Os olhos de Leandro...
- Astutos de noite,
alertas de dia ! -
vigilam relíquias
que em tinta, papel
e luz de candieiro
recontam a história;
- Em Odes e Épicos
sonham mil sonhos
na vida dos outros.

São tristes...
Como porteiras cerradas,
encerram
cantares do mundo.
Nos montes de caixas
resguardam alheias memórias
que nem o Blau Nunes
um dia campeou...

Os olhos de Leandro...
- Por vezes...inquietos,
- Por outra...saudosos...
Perdem-se no corredor
onde as lembranças s'embretam.
Embaçados...troteiam
nos contos de fadas,
em cantos e crônicas
de vozes timbradas,
das vozes caladas...
num canto esquecidas.
E se espasmam
co'as rimas sofridas
que a pena encantada
rabisca sentida
moldando as retinas
na dor

doutra vida
não vivida...

Os olhos de Leandro...
Evocam passado
de Pátrias e Heróis
comungando vitórias
ou chorando derrotas
nos livros empoeirados
dos quais são sentinelas !

Teus olhos Leandro...
- São cancelas da alma
abertas neste responso. -
Cada lágrima que rola
escreve a obra mais bela
que a tropa do tempo:
(dia após dia, noite após noite)
esparrama pela terra.

Teu corpo...se verga,
mas estes teus olhos
são como luzeiros ao vento
que ao sopro
se vão mermando.
Reascendem-se, num upa
dos saberes de outras eras !

No pisca do vaga-lume,
no espelho da cacimba,
no verde destas campinas,
no lume dum velho candiêro,
acordando ditos fantasmas
que habitam pelas taperas !

Renascem
na vastidão da noite campeira,
ao tranco,
no brilho sem fim
da luz do cruzeiro !

¹ **Lendro Silva Telles:** Nascido no Alegrete dia 15/08/1929, Filho de Leandro Pereira Telles e Odete Loureiro da Silva Telles, casado com Gertrud Elisabeth Maria e pai de Ghislaine e Bibiana. Foi procurador a Prefeitura Munic. De Porto Alegre, Diretor da Divisão do Patrimônio Histórico e Cultural da Secretária da Cultura, Desporto e Turismo, Presidente do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho e do Instituto Cultural Português, Curador da Pinacoteca Municipal, Membro da Academia Rio-Grandense de Letras e do Círculo de Pesquisas Literárias, como autor suas preocupações se fixam basicamente na migração alemã, no Patrimônio Cultural e na História de Porto Alegre. Obras Publicadas: A praça do Portão e o Viaduto Loureiro da Silva(1970), Crônicas das ruas de Porto Alegre(1971), Portfólio Porto Alegre Antigo(1972), Hospital Moinhos de Vento 1912-1972(1972), Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha(1974), Manual do Patrimônio Histórico(1977), Heinz Von Ortemberg, Médico do Kaiser e de Santa Cruz do Sul(1978), História da Sociedade de Ginástica de Porto Alegre(1980).

Obras Organizadas: Coletânea de Legislação sobre o Patrimônio Histórico de Porto Alegre(1978) Plaquetas: Museu da Arte Sacra(1964), Sexo não é Tabu(1968), Obirici, lenda e monumento(1975). Obras em colaboração: Presença Luterana(1970), A fé para adultos(1969), Álbum oficial do Sesquicentenário da Imigração Alemã(1974), Boletim da Biblioteca Pública do Estado comemorativo ao Sesquicentenário da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul(1974),

Educação Política-Caderno de Orientação n/03(1967). Traduções do Alemão: Manual dos pais evangélicos(1969), Conselhos para a vida(1967), O matrimônio dia-a-dia(1967), Vivendo entre amigos(1967), Deus no Matrimônio(1967), Educação para o matrimônio(1968), Os Dez mandamentos(1973), O Pai Nosso(1973), Os cinquenta anos de atividade da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas de Porto Alegre(1965). Separatas: A Bismarckrunde em Porto Alegre(1974), Friedrich Bieri-Pioneiro do Espiritismo no Rio Grande do Sul(1976). Folhetos: História da “Mui Leal e Valorosa Cidade” de Porto Alegre(1979), História do Rio Grande do Sul(1982). Considerações: Conhecido como prof. Cupim, por sua luta pela conservação do Patrimônio Histórico e Cultural e do firme propósito em manter erguidos os prédios e monumentos que contam a história do RS, detendo-se principalmente nas construções de Porto Alegre, homem de aguçada inteligência, dedica-se também as letras conforme comprovam suas obras publicadas. De espírito inquieto, lutador e sensível, aos 73 anos encontra-se entre seus livros, como sentinela de nossa herança literária, guardando tesouros históricos, sentado ao fundo entre caixas empoeiradas na Livraria Kaleidoscópio, de sua propriedade.
POA-JAN/2002

² Poetisa e acadêmica do curso de história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, natural de Cacequi/RS, tem seus trabalhos poéticos e científicos publicados no Brasil e exterior. Site: www.egiseldacharao.com, em construção.

Trilogia da Língua Portuguesa¹

Egiselda Charão²

I - O Florescer do idioma

Veio com as invasões
dos exércitos romanos
e foi misturando-se as raças
em derrotas e vitórias.
Na Galícia em Portugal
que esse idioma primitivo
sem ter tom definitivo
sem ter casa ou pátria final
prenunciando seu destino
já nasceu sem ter bocal.

Herdou do antigo latim
uma variante notável
esta bela flor do Lácio.
Moldou na sonoridade
a influência mesclada
e templada das conquistas
onde a história feito artista
pintou sua longa jornada.

Para ser lírico e perfeito

outros elementos assume
e em cada fonema resume
que essência e patriotismo
tem modo, sotaque e jeito.
E a língua Portuguesa
decantada em de vidala
tem vibrações quando fala.
Sonoridade, timbre e leveza...

Mas idioma é como o homem
se dominado sucumbe
se vencido se transforma.
Igual Camões em nostalgia
a flôr, então, se aprimora
assumindo o próprio tom.
E feito pássaro - ave canora
desenha na geografia
portugueses sentimentos
que iluminam seu som.

II – O linguajar brasileiro

Nossa língua Portuguesa
é filha do caldeamento
das raças que se finaram
e no fonema exaltaram

um telúrico encantamento.
Na terra de Vera Cruz
Caminha a eternizou
descrevendo a bico de pena
na primeira carta poema
a paisagem que o encantou.

Cruzou mares e ventos
Cantou o Brasil dos “aboios”
melodiando os desalentos
pelas vozes dos tropeiros.
Irmanou-se com a indiada
dos povoados missioneiros,
e nos terços e responsos
encantou os nativos primeiros.
Depois bandeiras mesclaram
outros tons à nossa língua
Até hoje são pungente voz
qual tambores centenários
a ruflarem dentro de nós.

Mas é senhora e rainha
a qual o mundo não relega
sobreviveu e carrega
em si todo atavismo.
É rudeza e é lirismo,
temperado com poesia

onde Castro Alves
qual viajante mensageiro
eternizou a dor e o pranto
do negro no cativoiro.

É música, é brasilidade
e no eco de cada verso
é vibrante sonoridade .
É do Brasil o universo
a língua-mater soberana.
Assim a fala lusitana
é bandeira e voz da Pátria
nesta terra americana!

III – O linguajar gauchesco

A gauchesca linguagem
é do sul a identidade
é soma da mistissagem
é sentimento e saudade.

Nesta provincia pampeana
assumiu um som diferente,
pra demarcar as fronteiras
neste sul do continente.

Retovou-se na roupagem

abarbarada dos caudilhos,
temperando pelas geadas
o sotaque dos seus filhos.

Reproduz um rude encanto
na fala timbrada e calma
se o pajador no seu canto
traz ressonâncias da alma.

É telúrica voz do campo
do silêncio é sinfonia.
É qual luz de pirilampo
com lumes de nostalgia.

Traz a marca dos barões
das fazendas e charqueadas
é idioma com qual Simões
descreveu as lendas passadas..

Nossa língua Portuguesa
durante quinhentos anos
carrega campeiros matizes
no seu troar campechano.

Porém, da fronteira ao serrano
da campanha ao cidadão,
retumba tal qual os sinos

das antigas catedrais.

Tem na fala um som divino,
na forma... Sinais imortais!

¹ Este poema foi inspirado na *Payada para a Língua Portuguesa* de autoria de Vaine Darde.

² Poetisa e acadêmica do curso de história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, natural de Cacequi/RS, tem seus trabalhos poéticos e científicos publicados no Brasil e exterior. Site: www.egiseldacharao.com, em construção.

Manipulação

(Tânia Marques Cardoso)

Já disseram que a vida
é um caderninho aberto
mas talvez seja um livro
velho esquecido
nos armários de bibliotecas vazias

Talvez seja um caderno
de desenhos, do primário
que a mãe olha quando sente saudades

Ainda assim
Se não for caderno
Não for livro nem cartaz
O que é?
Não é folha em branco
muito menos de jornal.

Acho que a vida é a caneta.

VONTADE DE NADA

Texto de Carmen Filgueiras

carmenfilgueiras@click21.com.br

(As cenas se passam em um apartamento.)

Mulher: (Fala para público) Boa noite a todos. Preparem-se para ouvir uma história comum... Sem surpresas... Trata-se da minha vida... Por mais que eu tente embelezar essa narrativa, nada acontece. Na noite passada eu estava tão bem que resolvi ligar para o delivery e fazer uma festinha íntima.

Mulher 2: Um ticket para a felicidade? Uma certeza de entrega infinita.

Mulher 3: Não viaja. Tudo tem uma duração.

Mulher 4: É uma merda pensar que não se pode definir o efeito. Eu opto por uma dose meio sem saber se ela é o suficiente. E como acontece de errar a medida!

Mulher 5: Em pílulas e com um pouco de decisão, não há como errar.
(Tomam as pílulas)

M: Deu para sentir o clima? Até aqui estivemos afastados 12 horas em relação ao presente. Passado ou futuro não importa mais do que qualquer outra invenção do homem.

Voz Homem em Off: Peço que você se restrinja a narrar os fatos.

M: Bom, é o que segue...

2: Estas pílulas não garantem uma espécie de amor jorrando para todos os lados? Só vejo sorvete sendo jorrado em direção aos meus pneus.

5: Você acabou com o sorvete, sua porca! (larga o cigarro que estava fazendo)

4: Porca é você, que vende esta porcaria que não funciona.

5: Você ainda não percebeu que eu também fui enganada? (Silêncio)

2: Quando eu transo com desconhecidos, costumo fingir que sou outra pessoa.

5: Aí você se disfarça?

3: Várias mulheres: tudo o que você quer ser.

4: Vamos combinar que vale tudo, menos filosofia da mulher que brincou de Barbie. Pára de andar!

2: Depois deste sorvete terei que andar por pelo menos duas horas...

5: Já deu para notar que você engordou! É uma perfeita vaca andando no pasto.

2: Infelizmente, isto não procede. As vacas são muito mais seletivas do que eu.

3: Já deu tempo de ele chegar... Eu o chamei há mais de duas horas...

4: Talvez não seja a hora apropriada, mas eu tenho que clarificar certas coisas. São duas e meia e eu continuo sofrendo!

5: Vai começar a reclamar...

4: Claro que eu canso as pessoas. Por que somos animais políticos? Por que não somos sozinhos se somos sozinhos? Isso de ser não passa de especulação; quando eu sei o que eu sou, me vejo invadida por uma vontade de ser diferente. Será que eu sou coagida a querer ser outra coisa? O desejo é tão meu que sou ele. E tudo sempre voltado para que me amem. Fico querendo ser amada por todos, ou seja, por qualquer um.

1: Acho que todo mundo vive nessa confusão...

4: E tentar esclarecer a confusão só a torna mais profunda. Eu odeio esses caras que escavam sem o menor sinal de preguiça. É tão longe da minha disposição.

5: O baseado já está apertado. Mas eu estou preferindo um laxante: tem muita merda entupindo os meus ouvidos.

3: Desvia o teu olhar de si mesma; tem outras coisa no mundo além do teu “achismo”!

2: Enquanto ele não chegar, ninguém vai relaxar.

1: Há, há, há... rimou! Eu proponho nos concentrarmos em Epicuro.

M: Filósofo grego que viveu entre 341-270 antes de Cristo. Sua doutrina propõe a eliminação dos desejos desnecessários em busca do prazer. Seu pensamento tem sido confundido com hedonismo e, nesse caso, devo adverti-los, houve esta confusão.

2: Podíamos passar a noite fazendo o que mais nos dá prazer... Fazendo excessivamente para ver se enjoamos...

5: É mais fácil uma overdose coletiva.

2: Além do mais, eu não conseguiria conciliar o sorvete e a cocaína.

3: E o que a gente faz enquanto ele não vem?

5: Que tal alguém emprestar o fogo? (Fuma e tosse) Esta porra tem gosto de orégano! Eu vou passar a noite toda tentando ser ilícita?

4: Meu, isso é orégano.

Todas telefonam e ao ouvir o início da mensagem de caixa postal desligam: Tem alguém conspirando contra mim.

VHO: O melhor de tudo é que elas não sabem se me acusam porque não sabem como confirmar a minha presença.

M: Tipo gênio maligno cartesiano... O que é o fio condutor dos valores? Ser paga para falsear alivia o peso do erro? (Pausa) E bem paga?

2: Eu fiquei um puta tempo sem encontrar a fulana. Quando nos revimos rolou uma alegria enorme por estar sentada ao lado de alguém onde as minhas idéias encontravam eco. Ela contou que estava estudando Direito Ambiental! Linda, defendendo o planeta! Cheia de questões polêmicas e soluções fantásticas. Acendeu um cigarro e eu pensei: aí está uma mulher que não dá a mínima para o terrorismo contra o cigarro. Mas ela não pediu cinzeiro! Jogou o cigarro na rua mesmo e eu não consegui fazer qualquer censura, cigarro após cigarro, porque gostamos dos mesmos autores e, para completar, ela deve ter uns cinco quilos a menos do que eu. E isso me mortifica!

5: Boas razões para deixá-la acabar com o planeta. Eu não estou sendo sarcástica. Pelo o que você me contou, eu até iria para cama com ela.

M (Sussurra para 5) Criar e destruir, mas antes copular!

5: (Parece falar sozinha) Mas sexo gay não engravida.

3: Esta tua apologia não me convence. Eu nunca conseguiria transar com uma mulher porque passaria o tempo todo comparando as minhas celulites com as dela.

2: Isso é doentio! Ele não aparece, não atende... E se ele não vier?

4: Aí tudo perde o sentido.

3: Ou pior, ganha vários.

5: Cansei de esperar! (Pausa) Não adianta...Em qualquer lugar, sempre estarei esperando.

2: Li alguém falando que se fôssemos menos tentados a sermos bonzinhos, fatalmente rolaria um equilíbrio maior nas nossas ações. Os desvios hipócritas deveriam ser substituídos pela primazia da vontade verdadeira!

4: Hã? Apesar do teu discurso, você não contou para o fulano que, digamos, saiu com o primo dele.

2: O que reforça a minha teoria contra o exercício para a bondade. Fui querer ser legal e não deixar ninguém magoado e acabei mandando mal....

4: Entendi...

3: Difícil dizer o que é mal, né? Às vezes o mal de hoje é o bem de amanhã por uma simples condição de possibilidade.

2: Tem uma passagem em que Dostoiévski fala isso. Ele narra um papo entre dois caras. Um diz que é a favor do casamento porque não quer bancar filhos dos outros. E, tão pouco, quer ser chamado de corno. O outro cara diz que é o inverso, apenas onde existe isso de “você é meu, eu sou seu” pode haver a cornice. O cara é genial.

1: Mas quem gostaria que seu namorado resolvesse trepar com uma cara genial com quem é melhor você não se comparar?

2: Pensamento pequeno burguês esse de querer ficar se comparando, ser não sei o que mais que os outros...

4: Todo mundo aqui tem tido certas oportunidades. Somos elite e quem está por cima naturalmente controla a roda de maneira que ela não gire.

5: Eu tive oportunidades para estudar. E foi só o que eu tive. O que eu quero dizer é o seguinte: tem gente, como eu, que não está satisfeita com a fatia que lhe foi reservada.

2: Nem vem! A ameaça não é para mim não.

4: Que guerra boba. Aliás, como todas as guerras (Sai).

2: “Boba” não é o termo mais indicado.

4: Acreditem se quiser (tem pouquinho), mas trata-se de chá de cogumelos!

4: Então a gente vai misturar cogu com pó?

5: Infelizmente, tudo leva a crer que ele não vem mais.

3: Vamos experimentar a alternativa ao invés de teorizar? (Elas brindam e mecanicamente despejam o conteúdo de seus copos).

M: Às vezes o autor recorre a Deus ex machina para resolver seus textos. Pessoalmente, eu sempre achei isto um artifício para disfarçar a falta de imaginação.

VHO: Não esqueça que o teu direito de alimentar o teu projeto esbarra no meu poder de limita-lo.

M: Tanto melhor: o sublime se dá na superação do limite!
(As 5 descongelam)

4: O que aconteceu por aqui?

5: Esquece. Ele vai chegar.

3: A gente está precisando de um pouco de arte. Vamos sair, buscar novas fontes. É claro que ele esqueceu de nós.

5: Então vamos a uma exposição. E o que eu faço com a minha solidão?

4: Ah, não fode. Não suporto essa coisa de coitada.

2: Não suporta porque quer esse papel

M: Não é só ela que quer o papel. Acho até que estou vendo a platéia com cara de quero papel.

(VHO inspira pesadamente e pigarreia)

Ela disse que teve acesso à educação. E que educação! Estudou no Eton. O problema é que os tempos mudaram. Seus pais são políticos e fazem o papel de bode expiatório.

5: (Meio alucinada) Mas, de alguma forma, esse momento em que se oferece o bode... (Pára assustada) Por que eu estou falando isso?

2: São esses alemães que você tem lido.

3: Acho sacanagem essa fixação por alemão. Por que vocês não lêem Tobias Barreto?

5: Porque, como todo mundo, ele leu Kant.

3: Você não é uma vaca. É burra mesmo. Shakespeare não é menor porque leu Sófocles e não foi lido por ele.

4: Mas você se acha melhor porque trepou com os namorados de todas as suas amigas. E o Willian só lia os romanos!

3: Ah, é? Foda-se! E eu já cansei de explicar que com cada um deles foi inevitável. Eu preferiria que um cabeleireiro entendesse dez dedos quando eu disse para aparar as pontas a trair as minhas amigas.

5: Eu estou me sentindo um daqueles personagens de Beckett.

2: (agressiva) Eu sei o que estou esperando.

4: A morte?

3: Ninguém passa a vida esperando a morte.

5: Há, há, há. Ainda resta a Arte.

2: E a Filosofia e a Religião. São palavras de Hölderlin a respeito de como essas ocupações podem abrir nossos olhos para que possamos esperar com nobreza.

5: (Com a pronúncia alemã) Hölderlin, querida, é Hölderlin.

3: Isso não era uma carta para o irmão dele?

4: Mas o que importa a carta se ele acabou louco?

3: O que é ser louco?

2: Se você começar a falar das palestras de Foucault, eu me retiro.

3: Isso é de um totalitarismo... “O mal não reside tanto no fato de os homens serem como são, mas em sustentarem o que são como a única instância de validade, não admitindo nada de diferente”. Do Hölderlin podemos falar?

2: Desculpe. É que eu sinto inveja por você ter ido a uma palestra do Foucault enquanto eu perdia o meu tempo surfando.

5: E eu sinto inveja da vida que você levou. Principalmente quando vejo o seu braço mandando tchauzinho sem balançar nada.

3: Acho que ele não vem. Mas se aparecesse podíamos lhe dar um susto fingindo nos de mortas. Foi mal. Acho que passo uma criança por aqui.

5: Isso tem a ver com a relação que eu tenho com a letra “c”. Tipo como chocolate buscando refúgio, tomo café querendo um excesso de sobriedade e fumo cigarros para que a fumaça esconda o que me toma e me distrai.

4: Esse tipo de raciocínio você desenvolveu na tal palestra?

3: Pois eu adorei as idéias. Só precisa elaborar mais.

2: Precisa trabalhar estas idéias.

4: Muito. Precisa trabalhar muito estas idéias. E a merda toda é que o “c” que esperamos não chega nunca.

1: Cristo?

3: Sensacional: “c” de cocaína. Todos o “c” são estimulantes... Como você é desestimulada!

4: E, pelo visto, vou continuar assim.

5: Isto tudo é falta de uma atividade produtiva

2: Eu não preciso pensar em produção. Estou completamente satisfeita com o que tenho. Estarei completamente satisfeita com o que eu terei. Estava completamente satisfeita com o que eu tinha.

3: Acho que o “american way” impede o desenvolvimento de uma filosofia no sentido em que o ser está ligado ao estar inexoravelmente

5: (Tentando ligar) Anoréxica?!

4: Não é possível ser magra demais e nem rica demais.

2: Isso é da Elizabeth Taylor, não é?

3: Mas eu acho que tem limite para a magreza. Acho bacana ter umas curvas.

5: Mas a retidão é garantia de elegância.

4: Nietzsche metia o pau na magreza cristã.

5: Magreza cristã é um conceito?

2: Um homem com aquele bigode só podia estar equivocado esteticamente.

3: Mas é uma vaca burra mesmo!

2: As ovelhas de um pastor gordo e bigodudo. Vocês não conseguem fazer uma crítica não passional? E eu já cansei desse papo de vaca e etc. Vamos elevar o nível!

3: Desculpe. Engraçado que gata todo mundo quer ser. Queria tanto ser bonita, não do tipo comível, mas do tipo pensável, interessante, bonita... Daquelas que se sente a ausência. Acrescentar algo para o mundo... O que realmente me importa é que a vida me preencha.(Um gole na bebida) Pena eu ter me afastado do sol, mas ali eu me sentia como OVNI de mim mesma.

4: Eu acho que todo mundo é meio OVNI. Achava que os meus devaneios tinham ficado na adolescência e me vi tendo palpitações quando aquele DJ começou a tocar. As músicas eram para mim... A minha imaginação me dominou quando ele tocou Madonna.

2: Like a virgin?

4: Touched for the very first time...

3: E aí?

4: E aí que tudo não passou de um insight de propaganda de margarina ou cereal. O cara nem me viu e foi embora cedo.

5: Não deixou um sapatinho na escadaria?

4: Eu só o vi na praia tempos depois. Mas é claro que eu já tinha caído na real. Além do mais, o homem da minha vida vai saber que é o homem da minha vida assim que colocar os olhos em mim.

3: Meu Deus! Isto é superstição?

4: Não. Apenas o que eu sinto.

2: E ela diz que gosta de Sartre.

4: Acreditar no homem da minha vida é diferente de acreditar em Deus.

5: É mesmo? Cuidado para não te tornares uma ovelha.

4: É foda mesmo. Temos que bancar as pragmáticas, mas na última vez que eu e essa aí (Para 5) encontramos sicrano a cena mudou.

5: Eu lembro do episódio... Estava carente.

2: A pior merda é entrar nessa de carente. Já fiquei com cada figura porque estava carente...

4: Ficou porque tinha uma vontade reprimida que a carência fez gritar.

3: Não fala isso... me preocupa.

(Silêncio longo intermediado por um inesperado assoar de nariz da 2)

4: Está rolando um astral péssimo. A noite está se estragando com essa espera...

5: A verdade é que todas nós preferiríamos que as outras 3 ficassem caladas.

2: Eu estava caminhando e passou um cara de bicicleta enfiando a mão nos meus peitos. Aquilo me deixou puta. No dia seguinte, passou outro cara de bicicleta vindo na minha direção e eu (o que não é uma mente traumatizada?) num reflexo preciso, alcancei o rosto dele com um soco. Foi lindo...o soco foi lindo. Ele ficou no chão sem entender nada e levantou me chamando de louca. Ele não era o tarado que eu imaginava.

5: Agora além dos tocadores de peito temos as socadoras de ciclistas!

2: Como eu iria saber que com aquele gesto... Não resolvi nada imitando o estilo do tarado.

3: Passo o tempo todo me convencendo de que não devo ficar procurando culpados, mas nos raros momentos em que me distraio, encontro dúzias de culpas em mim.

2: Isso se expande ao ponto de o mundo todo se tornar culpado.

5: Queria enxergar a integração das coisas, mas só vejo alguns segmentos.

3: Queria acreditar na existência de Deus e fechar os olhos.

2: Queria harmonizar as minhas angústias.

3: Queria não sentir medo.

4: Queria não me sentir só.

5: Queria que o encontro acontecesse logo.
(Silêncio)

2: Você já pensou que esperar pelo delivery é uma maneira de nos desviarmos desse queria incessante?

4: Já pensei em coisas do tipo: sou o que decido ser. Mas por que cargas d'água vou decidir ser aquilo que sou ao decidir?

2: Por isso eu sou a favor do Prozac. Melhor estar chapada e feliz a viver careta e sofrendo.

- 3: É a sede de prazer que exige a via mais rápida.
- 5: Racionalmente, eu prefiro aquela que dure mais.
- 4: Apesar de praticar as pílulas a sombra da pergunta continua me rodeando.
- 3: Talvez seja só uma questão de dosagem. Ou de uma respiração diferente.
- 4: Alguém me contou de uma mulher que não come há 30 anos. Só bebe água e é super ativa. Intelectual e fisicamente.
- 3: Duvido.
- 5: Eu vi no Jô!
- 2: Viver assim sem comida deve ser penoso. Supera aquela de “limites para alcançar o ilimitado”. Eu quero viver de prazeres e não de contenção.
- 3: O mais saudável seria abolir a propaganda do planeta. É cruel a maneira como somos tratadas. O tempo todo surge uma imagem glamourosa na minha mente me mandando fazer o que eu não quero e faço.
- 2: Tem que entrar numas de amar todas as manifestações do ser.
- 3: Será que isso não seria pura passividade?
- 5: Só queria que ele completasse essa reunião.
- 4: Que tal darmos um tempo de fugir? Onde está o cigarro?
- 2: Vida é fuga de vida.
- 5: Tá, mas tem fugas e fugas.
- 2: Isso é influência do louco...
- 3: Qual deles?

2: Por que você acha que uma mulher que se apaixonou pelo poder de um traficante no morro vale menos do que aquela que se apaixonou pela fluência, pelo poder que seu autor preferido tem sobre o seu tema preferido?

3: As duas estão interessadas em explorá-los...

5: Eu não participo de uma discussão idiota como essa. Ter interesse significa querer escavar.

4: Mas amar é dar.

2: Eu não consigo dar nada do que eu gosto.. Cansei de ir comprar presentes e ficar com eles todos para mim. Aí eu acabo fazendo um cartão cheio de palavras doces e só.

3: Eu passo o tempo todo procurando defeitos. E o pior é que sempre os encontro.

5: O que eu encontro são olheiras ao redor dos olhos de quem pensa demais.

2: Por que será que as pessoas se enfeiam?

3: Pode ter certeza que a intenção não era essa. Tentando melhorar, pioram.

5: Ser feio é ser pior. Incrível como estes dois adjetivos estão associados na minha cabeça...

4: Lembra daquela tua prima que fazia a dieta da Pepsi twist light com gelatina diet?

3: Claro, ela teve uns desmaios e ficou bem doente.

4: Uma pessoa nessa dieta não pode sonhar em fumar um baseado.

3: E eu fico me perguntando: ela não podia comer e malhar um pouco. Custa tanto assim ficar em pé e se mexer?

5: Ela fala como se fosse atleta.

3: (Está fumando) Um pouquinho eu sou.

2: Ninguém está preparado para ver o outro. O encontro é sempre confronto. Às vezes eu me sinto enraizando em coisas que nem eu mesma acredito.

5: Aquilo da prima foi um excesso. Mas o inverso também é escandaloso. Eu já passei mal de tanto comer.

Todas: Só você?

5: Mas comigo foi sério. Era um daqueles dias em que você se estabelece diante da tv... A cabeça esfumaçada só permite ataques gastronômicos. Voracidade. Gula. Quase luxúria. Barriga inflada, quase cansada... vontade de nada.

4: Você devia estar ansiosa.

3: Eu não lido bem com a ansiedade.

2: Ninguém lida bem com a ansiedade.

4: Você acha?

2: Claro. Ansiedade é agitação e pouca concentração.

3: Então é isso. Como judia não quero nem ouvir falar em concentração.

2: Ansiedade desacelera o rendimento.

5: Horrível isso de ter que render. Eu sou uma pessoa que se sente culpada quando senta e olha para o nada.

VHO: Por que elas não apagam seus cigarros e vão dormir? Por que não foram à natação? Hoje rolou onda boa o dia inteiro... e quando vão surfar arrumam confusão.

M: Eu vou ter que interromper a tua poesia. Não dá para uma mulher sensível encarar a vida malhativa todos os dias. Quando trabalhamos a nossa alma, parece que as coisas físicas perdem o valor...

VHO: As pessoas têm facilidade para encontrar apelidos para a Preguiça.

3: Acho que tenho que rever as minhas fontes de prazer.

2: Estou cansada de esperar por ele.

3: Chama de novo. “quem sabe faz a hora”.

2: O problema é que eu não sei.

5: Como um cruzeiro. Tem gente que passa a viagem toda enjoando.

2: Eu tenho enjoado a minha vida toda.

3: Não dramatiza. Deve ter tido ao menos um visual que valeu a pena.

4: Tudo piora quando eu decido não sair de casa. Sabe aquilo de fazer festa sozinha? Acaba sendo deprimente. Teve um Natal em que todos dormiram cedo por causa de uma briga daquelas inesquecíveis em que pessoas que se amam aproveitam-se do know-how adquirido com o convívio íntimo e se magoam pra caralho. Eu fiquei acordada picando papéis que seriam a neve da minha árvore. O que não é o colonialismo?! Eu queria dar forma ao caos da minha vida salpicando um astral europeu.

5: Bobagem!

2: Eu criava slogans que estimulavam a organização e a fugir da preguiça.

5: Mas eu acho que às vezes a preguiça pode servir de aliada.

3: Eu também adoro a multiplicidade de sotaques.
(Silêncio)

4: Ser autor é produzir o gosto do infinito. Gostaria de ser mais autora de mim.

3: Antes de ser é não ser em ato mas ser em potência.

2: O quê?

4: Potência pode ser confundida com destino.

2: Queria acreditar em destino... Iria sentar e não fazer nada.

3: Aí você aleijaria o destino.

5: Sou uma representação que varia conforme o intérprete. E olha que eu nem li Roland Barthes.

(Silêncio)

(Acelerado)

3: Eu acho que ele ligou para o celular dela.

2: Então ele ficou curioso...

4: Como ele é previsível.

3: É o que a entedia.

2: O que ele fez não foi bonito.

5: Que malvadeza.

4: Encontrei com ela no cinema.

3: Estava pálida e mole sentada num canto.

2: Ele é tão meigo.

3: Eu acho ela uma megera.

5: Realmente uma boa pessoa.

2: Todo mundo concorda que ele tem um bom coração.

5: Mas não um bom hálito.

(Silêncio)

4: Eu acho que essa coisa sanfona de engordar e emagrecer foi o único meio que a natureza arrumou para que as mulheres se adaptem à gestação.

2: Eu acordei confusa também. Queria alguém me dando coordenadas. Sem ordens eu não me mexo.

3: Isso é um sintoma da depressão. Os deprimidos não têm motivação para nada. Se arrastam.

4: Como alguém nesse planeta fantástico pode se sentir deprimido?

2: Esse pensamento positivo só me faz afundar ainda mais. Eu sou obrigada a ser feliz porque tenho comida enquanto tem criança morrendo desnutrida por aí?

3: Não é exatamente por isso que você deve se sentir feliz.

5: Eu ouvi “você deve se sentir feliz”? Como assim “deve”?

4: Ninguém tem paciência para ouvir as mazelas alheias. É gentil poupar nossos ouvintes de um papo que os cansa. O melhor é que você sorria bastante para importunar apenas o tolerável.

2: Terror e piedade só através da Arte. Na vida real, eu quero distância do que sai do padrão.

5: Você acha que a produção tem que embelezar os sujeitos de um documentário?

2: Claro que isso depende do que você quer mostrar.

3: Falando nisso, que bom que existe a tv, fiel companheira da espera.

2: Você é uma mulher resignada.

1: Impossível continuar acreditando nesse encontro.

4: A tv a cabo não está funcionando?

5: Já disse que cheirei a porra da mensalidade. Vai me crucificar?

2: Posso aumentar?

3: Por que desligou?

4: Faltou pipoca...

2: Cala a boca!

3: Eu estou caindo fora. Ele não está nem aí para nenhuma de nós. Eu sinto como se ele estivesse brincando com a minha cabeça.

5: Mas isso é com todas nós. Por isso devemos agir como irmãs.

3: Caim ou Abel?

4: Quem sabe a meditação não fosse uma boa? Já ouvi relatos de vidas que mudaram com a meditação...

2: Eu não vou fumar mais. Minha garganta está completamente arranhada. Acho nojento gente que fuma o tempo todo. Têm um olhar estranho.

3: Olhar apaixonado. Aquele que não tem como explicar o seu gosto, apenas gosta.

4: Estar apaixonado é ser tomado por algo que faz superar o nexo. Eu fico apavorada.

5: Mas não faça cara de quem acha que está perdendo o jogo. Não seja a vítima.

3: Odeio pessoas que falam cuspidando. (Para 5) E acho que você está precisando depilar a perna.

5: Foda-se! (sai)

2: Já está tudo bem claro para mim. Quando a desmesura leva ao erro, nasce o trágico.

1: Meu bem, tenta se controlar. Ou pelo menos use melhor a tua imaginação. Pelo bem da humanidade.

4: Quem se importa com a humanidade?

5 (Volta) Viva os anos 70. Não encontrei nenhuma gilete.

3: Isso não tem nada a ver com o movimento hippie. É apenas uma tentativa de evitar um suicídio sangrento.

1: É alguém que se preocupa com a humanidade. Pelo menos com aqueles que cuidarão do seu corpo.

VHO: Há séculos os defuntos vêm sendo depositados em um mesmo solo. Pouco importa em que estado eles chegaram até lá. O que importa, o que realmente importa... é como eles se sentiram no minuto que precedeu o último suspiro. Bom, é claro que isso só importa para eles.

3: Esqueci o que eu estava falando.

2: Você estava falando do seu novo namorado.

4: Não. Era sobre o seu cachorro. Você dizia que ele estava doente.

3: Eu estava falando sobre solidariedade.

5: O nome disso é utopia.

4: Controle as generalizações. As coisas dependem das posições em que nos colocamos. Veja o caso do papai: é um político corrupto, mas um excelente pai. Um péssimo marido e um amigo excepcional.

5: E o que determina a posição em que eu me coloco?

2: A tua vontade de fazer este ou aquele personagem.

4: Deus poderia ter nos feito sem contato com o mundo sensível. Seríamos puros.

2: Pura, só a cocaína. Eu gosto do termo mix.

3: Mas pensa no esforço desgastante para que as diferenças sejam mantidas. E o resultado é um a substância deformada que não deixa ninguém totalmente feliz.

2: Será possível ser totalmente feliz? Seria necessária uma infinita integração.

5: Eu tenho uma coisa boa aqui para isso: integração.

2: Um ticket para a felicidade? Uma certeza de entrega infinita.

3: Não viaja. Tudo tem uma duração.

4: É uma merda pensar que não se pode definir o efeito. Eu opto por uma dose meio sem saber se ela é o suficiente. E como acontece de errar a medida!

5: Em pílulas e com um pouco de decisão, não há como errar.
(Tomam as pílulas)

M: A história foi contada. Depois de uma noite me debatendo comigo mesma me senti cansada e profundamente consciente desse cansaço. Um cansaço pesando as minhas idéias e impedindo o movimento delas. Então surgiu uma vontade: parar tudo. Pontuar. Concluir

com uma decisão minha. Ah, essa vontade de parar uniu-se ao meu orgulho ferido por tentativas que se frustraram e venceu. Uma experiência atraente como qualquer outra...

VHO (Interrompe) Nem mais uma palavra. Você já realizou o projeto dessa tua vontade desmedida: chegou até o “assim foi”. Agora, o resto é nada.

DOUGLAS DIEGUES POLISPÉRMICO-PARAGUAYO

_____ DOUGLAS DIEGUES-arquitecto-polispérmico-caçador do fogo-das liberdades-e-das-maternidades-selvagens: ____ o POETA inclina-se/balouça-se sobre as palpitações confluentes dos animais golpeados/imersos das luas: _____ luas-ferventes-voltaicas a soprarem/absorverem as imagens dos secretos canais da fossilização dos ciclos conquistadores do dinamiteplânton das paisagens-maconheiras: _____ tambores-idiomáticos-de-incêndios/de-orvalhos-babilônicos e de árvores-sanguíneas-convulsivas a penetrarem nas fortificações do grito-dos-tubarões-heráldicos-hidroelétricos-sémicos: _____ DIEGUES da cisão avassaladora e da circularidade/efervescência vegetalmineral-química: _____ vocábulo fulminante-desabrochador das clarabóias dos répteis universais: _____ consagração/transformação dos cânticosturbantes das crateras pré-genésicas: VOZ ANCESTRAL/futurizadora-POLIMERIZADA/POLINERVADA/POLIRRÍTIMICA: _____ estandartes das iluminações das ressonâncias a despertarem as CAVALGADURAS raptoras dos trapézios das lavas-dos-eclipses: _____ interruptor difuso das anêmonas umbilicais a informular/aprofundar os ecrãs do dilúvio-obelisco-sígnico nos frutosescafandristas da infinidade (_____ as esculturas perturbadoras/conquistadoras das vibrações/devastações do punhal-espelho-inominável purificam os espasmos dos comboios incansáveis-permanentes das sombras-do-sangue-dosbichos-celestes-terrestres _____); _____ tecedeiramagnífica-das-candeias/mandíbulas-invasoras-dos-silêncios renascentes das emboscadas (in)visíveis: _____ emigrações instantâneas a enlevarem as tragédias-dos-satélites-descobridores-do-corpo-pelo-corpo: _____ guincho-de-crinas/peugadas extasiadas a bordar as epidermes estonteadas, os pórticos das luzes/líquenes e as espécies/hastes abismadas entre os vedadores-compositores-salteadores da astronomia povoada de húmus-faúlhasnocturnas e de eternidades/amadurecimentos dos HARPÕES das pré-florescências: _____ POETA das escadarias-PARAGUAYAS de ervas/fogueiras/archotes-dos-CICLONES -espérmicos-polinizadores-de-enigmas-e-de-teatrosgalácticos: _____ LUZES-PROJÉCTEIS dos panoramas fiadores dos pântanos dos tecidos descendentes, das sínopes órficas e das enxurradas enérgicas das cerejeiras-linguísticas dos vulvários: _____ LÂMPADASDOS-MUSGOS-E-DAS-RAÍZES dos leões-voantes a capturarem os redemoinhos das gravitações para ressoarem nos vestibulos das centopéias fazedoras das respirações/DESCODIFICAÇÕES subterrâneas: _____ Os rachadores da combustão/fungosidade-excitante engolfada nas bússolas dos partos dos naufrágios das órbitas linguísticas-performativas: _____ abalos ascensionais a alumierem selvaticamente a movimentação dos instrumentos aracnídeos-inflamatórios-magnéticos-originários dos cais torácicos da natureza Portunhola: _____ relâmpago inextinguível do abismo matricialgenesíaco: _____ relógio febril-de-gargantas-precipícios caninoshermafroditas a apunhalarem os vidros sexuais das magnólias velozes e das uvas negras das pulsações das serpentes

reconstruindo embocaduras transfronteiriças-faunísticas-relampagueantes: _____
electricidade jugular das ervas-vocabulares sobre os minúsculos indicadores das
trovoadaspianistas-fluctissonantes (_____ os sulcos-fórceps dos
corvosdas-translações-das-oficinas-selvagens esguicham assimetricamente entre as
hélices assombrosas dos vídeos mergulhados no êxtase da ostra-divinahumana ____):
_____ holofotes da exaltação-das-válvulas-flutuantes a despenharem-se na
morfologia epicêntrica das armaduras-da-polivisão (_____ submersão-electrocutada-
dos-fulcros-efabuladores-das-pradariasdo POETA DOUGLAS DIEGUES): _____
pedras das fisiologias dos crustáceos incendiadores/cíclicos-estuários-onomatopaicos
da YIyI JAMBO e das cabotagens dos embriões/alarmes-oceânicos flamejantes:
_____ cruzamentos dos casulos-vapores-pulsares-primitivos-do-leopardo-
citadino-DIEGUEANO: _____ cidades cintilantes-navegadoras-
oradoras nas profundidades-das-fronteiras-dispersas-do-sangue-vigiador-dos-hinos-
dos-cardumes VERBAIS: _____ campânulas-das-víboras difusas
a respirarem entre as adivinhações das crisálidas URBANAS-MULTINUCLEADAS
e os ofícios ardentes das FOICES-das-águas seculares-colossais-enigmáticas
xamânicas-do-Guarany caleidoscópico: _____ vozes/trombones/túneis/arados/
espáduas circulatórias-cúpulas-germinações-sorvos baptismaistransfusões-delírios
galgadores dos hímens das catedrais arqueológicas: _____ fôlego
gerador das lunações cinematográficas absorvidas pelos animais-dos-esconderijos-
das-tempestades-dos-EPIFRAGMAS-VAGINAISrespirados pelas ALCARSINAS do
DOUGLAS DIEGUES: _____ fábulas e ritmos lascados/fulminados/
bifurcados nas ambulâncias vegetais das pássaras transmarinas: _____
mães-abissais-atlânticas-das palavras empolgadas/compactas e livres: _____
corpos-de-seguidoresde labaredas-pictóricas-parturientes da reescrituração
“SELVAJE-SELBAGEM”: _____ pulmões-girassóis-aluviões das
casas-planetárias estremecendo nas crinas dos aguaceiros dos palácios-de-mercúrio-
do-Poema-FLUXOSREFLUXOS-DEMONÍACOS-DIVINOS-DIONISÍACOS-
GUARANY: _____ circunvoluções INEBRIANTES-
florestais de SATURNO-PARAGUAYO no espaço originário-fulgente-paroxístico-
fálico-vulvar bifurcador das projecções das lajes-das-borboletas-carnívoras-acústicas:
_____ reflexos monstruosos dos cavalos-ASTRONAUTAS-
COSMONAUTAS-do-fulgor-das SELVASTROVADORESCAS-imprevisíveis:
_____ vocalistasdebulhadores-das-orquídeas-
subversivas entre os poentes mamíferos aperfeiçoados pelos censores-das-vertigens:
_____ estúdios-chocolates das estações-fluidificáveis a transladarem os
alpendres das fertilidades ensanguentadas-de-simulacros polissêmicos onde os
CICLONES-INDÍGENAS concentram as variabilidades dos bafos milenares nas
raízes dos bisontes da perspectivação simbólica: _____ pilares
FAUNÍGENOS a repercutirem os pontos cardeais-das-vigílias-e-dos-itinerários-
convulsivos das fogueiras voadoras: _____ palavras frenéticas
infiltradas nos corações androgínicos/sonâmbulos das ilhas fossilíferas-criptogâmicas-
boreais esplendorosas: _____ clareiras-fêmeas-rutilações a desengolfarem
a magnificência das forjas musicais-tumentes das veias punctiformes-mitológicas:

_____ poros coruscantes nos neurotransmissores idiomáticos fixadores de roldanas cartográficas-(in)transmissíveis-imperscrutáveis-revolucionárias sobre os acrescentamentos do catastrofismo-das-fronteiras: _____ versatilidade excitável-vegetal-humano: _____ percurso vertiginoso das cidadesdos-insectos-das-expições-e-dos-charcos-do-desassossego-dissipativo: _____ delírio-das-árvores-dos-domadores-de-jacarés (osciladoresrotadores-caológicos-ecológicos) a permeabilizar as espirais-da-conflitualidade-florística dos arquipélagos profundadores dos atalhos metalúrgicosvocabulares: _____ DOUGLAS DIEGUES a desentranhar as paragens geográficas dos vulcões-da-linguagem-poética e a escoar as olarias solares nas palavras alimentares do JACARÉ FLUCTÍVAGO: _____ urdiduras-dos-pavores-das-corolas e dos êmbolos-em-circunvoluções-das-brasas-antropofágicas: _____ DIEGUES nas inflexões/rotações/congeminções-das-sonolências-indomáveis: _____ indígena dança-do-sublime violentamente germinada/enxameada nas biografias terrestres e nas zoologias marítimas: _____ as câmaras atômicas/ininterruptas da memória náutica exultam as campânulas dos orifícios das cicatrizes das baleias/inter-sémicas: _____ o estridor vigoroso das abelhas-cobras-das-vastidões-nocturnas embate nos meteoros das bibliotecas sibilantes onde as limalhas-larvas-astrais deste EXCEPCIONAL POETA recuam/avançam espasmodicamente nos nervos do sangue feminal elevando os chifres centrípetos/hipnóticos/nucleares/incendiários nos sexos das alfândegas celestespultáceas-nucíferas-frugívoras e nos ecos dos diamantesde-placenta-fotográfica-das barragens/minas-das-metamorfoses/fundiçõesda-tromba-vinícola-onírica-herbívoracrobata-guerreira-florestalmetropolitana-telúrica-sanguinária-HOMEM-ANIMAL-VEGETAL-DEUSA-MÃENATUREZA: _____ meridianos a comporem as potências dos GOLPES inexplicáveis: _____ forças glandulares capturadas aos espiráculos dos equadores-visionários-agrícolas-hipnotizadores, aos fósforos amoladores da descendência inimitável-exilada, aos animais amantes das profundezas-em-êxtase, às cavernas inacessíveis dos candelabros-das-mutações, às membranas/asas estranguladas/libertadas pelas gárgulas-estacarias das paisagens sensoriais, às fendas luminosas-dilacerantes da crisalidação sígnica-verbal, aos remoinhos das embocaduras-libidinais-pulsionais, às labaredas cosmopolizadoras dos alimentos-harpistas, às angulaturas das tempestades-barítonas das cicatrizes incandescentes: _____ DOUGLAS DIEGUES ARTERIALIZA as têmeoras das orquestras selvagens-estimuladorasacrisoladoras dos mapas anareiformes-utopistas: _____ lunações alocromáticas das vagas das estrelas e dos tendões das ramas dos sustentáculos da desarrumação eléctrica-magnetizada: _____ combustão dos estrangulamentos/engolfamentos da astralidade e das profundidades das matérias: _____ grito-soprocirculatório-sulfuroso-prismático: _____ sangue insondável a transbordar nas luzes das pálpebras universais e nas entranhas tremendas das glândulas dos batedouros das bioses TRANSVERBAIS: _____ marfim-de-ar-seda-das-concavidades-das-faíscas-de-EROS: _____ cerceadura dos asteróides-vibratórios-dérmicos-hiperbólicos a blindarem visionariamente os bebedores das celebrações/decantações dos seres regeneradores/reluzentes/coalescentes/orgânicos/

ilimitados até à instantaneidade da libertação absoluta do POETA-CRISTALOGRÁFICO-estelarfosforescente-Clitoriano-Vaginal: _____ criatura da transfusão/calцинаção principal-íngreme-dos-espectogramas-botânicos-radioactivos: _____ DOUGLAS DIEGUES no ESTENDAL ciclónico das heranças do estonteamento do Jaguar-abalador-orbital-transgressor-CONSTRUTOR das-habitações-transcontinentais-convulsas-aluadas-glandulíferas: _____: potente manancial-marsupial-ostáceo a sazonar-as-pulverescênciase-os-entrecruzamentos das radiografias-das-constelações-de-enxofre-ede segredos-maternais-incomensuráveis-alquímicos da LÍNGUA-VALVIFORME: _____ multiplicação meteorológica da AMERICA DO SUL e da rosácea do Leopardo-Crocodilo-Condor-Gavião hemisférico-movediço-soprano fundido nas vegetações-do-caos-urânico: _____ fluxos da jubilação e dos arcos das matérias dos aerólitos-virulentos e das hídricas oralidades a transmudarem os icebergues das luas heterogêneas e dos naufrágios bifrontes entre as células focalizadoras dos alongamentos do universalismo-xamânico: _____ montagens das multiplicidades/percepções dos linceis, dos chacais e das úlceras-rupturais-transcendentais de Lautréamont/Villon na flexibilidade do bocejo das locomotivas-do-mundo: _____ víboras de chamas libidinais e de colheitas carnavalescas dos caçadores-de-labirintos-da-zoomorfização-celestial-criptógrafa sobre as congestões da vegetação/linguagem plástica da anti-historicidade sinfônica/antro-pológica/polimórfica/sedutora/pré-semântica _____ JACARÉ COSMOGÓNICO a expandir as sementeiras do SYMBALLEIN na corporalidade das travessias e das obscuridades/luminosidades, nas tonalidades dos rituais-secretos, na magia placentária, na fecundação espontânea e na recriação sacral-da-natura: _____ DIEGUES uma energia-nuclear-espontânea (uma grandeza abismal) na verdade/plenitude do LIVRO CÓSMICO.

Texto publicado no livro *Roberto Piva e Francisco dos Santos*, do poeta português Luís Serguilha, Lumme Editor, 2008. O livro é um instigante diálogo crítico-criativo com mais de 40 autores brasileiros.